Apoio:

Patrocínio:

Realização:

Os Dois Irmãos de Ouro

Os Dois Irmãos de Ouro

Era uma vez um pescador muito pobre que vivia em mísera choupana com sua pobre mulher, com a qual repartia o produto da pesca, que constituía o seu único alimento. Uma bela noite, teve a sorte de encontrar na sua rede um peixinho de ouro.
Como era belíssimo e reluzia como o sol, o pobre homem não se cansava de contemplá-lo; mas, de repente, o peixinho começou a falar com uma vozinha fina e harmoniosa.
- Escuta, caro pescador; se me salvares a vida, atirando-me outra vez à água, eu transformarei a tua mísera choupana em soberbo castelo.
O pescador sorriu amargamente e respondeu :
- E para que poderia servir-me o castelo, se não tenho nada que comer?
- Também nisso pensarei - acrescentou o peixe -.
Na despensa do castelo haverá um armário miraculoso no qual encontrarás sempre o que comer.
- Pois bem, então estou disposto a conceder-te a vida - exclamou o pescador.

Enquanto estava esperando para ser jogado de novo à água, o peixinho disse ainda ao pescador:
- Lembra-te de que ninguém deve tomar conhecimento do segredo da tua fortuna, porque, se o revelares, perderás tudo.
O homem prometeu que não diria coisa alguma a ninguém, e jogou o peixe à água.
Depois voltou para casa, e, em lugar da mísera choupana, encontrou um esplêndido palácio.
Entrando nele, viu a esposa elegantemente vestida, que o esperava em grande e magnifica sala.
- Que aconteceu? - perguntou ela, vindo-lhe ao encontro -. Oh! Como sou feliz! Mas quero saber a todo custo a quem devemos esta fortuna.
- Tenho muita fome e quero comer - respondeu o pescador.
- Ai de mim ! . . . Nao sei o que te hei de dar, meu marido.
- Não te preocupes; abre o grande armário que encontrarás na despensa.
A mulher obedeceu prontamente, e no armário encontrou carne, legumes, frutas, doces de todas as qualidades e grande quantidade de garrafas de vinho. Os dois esposos puseram a mesa e, quando acabaram de jantar, a mulher perguntou de novo ao marido a quem devia todas aquelas riquezas.
- Não posso dizer-te coisa alguma, querida esposa. Fica sabendo que se alguém chegar a saber deste segredo, voltaremos a ser pobres como antes.
A mulher resignou-se e disse:
- Não importa. A ter de correr esse perigo, prefiro nada saber.
Mas, na realidade, ela era muito curiosa e, passado

algum tempo, recomeçou a atormentar o marido para que lhe revelasse o segredo. Ele recusava obstinadamente, mas a mulher continuava a atormentá-lo noite e dia, até que, não podendo mais resistir, o pescador lhe contou que deviam a sua fortuna ao peixinho de ouro que ele pescara no rio e ao qual concedera a vida em troca de todas aquelas riquezas.

Mal acabara de contar a história, o castelo desapareceu e os dois esposos se encontraram de novo na sua mísera choupana.

O pescador recomeçou a trabalhar para ganhar a vida, mas a sorte lhe sorriu de novo, e um belo dia tornou a pescar o peixinho de ouro.

Ainda desta vez o peixe começou a falar e disse-lhe:

- Joga-me mais uma vez à água e recuperarás o castelo com o armário maravilhoso. Mas trata de ser mais prudente e aprende a guardar o segredo, do contrário perderás de novo tudo e nunca mais poderás reaver a tua boa sorte.

- Desta vez nada direi - prometeu o pescador. E voltou para casa, onde encontrou a esposa que o esperava no salão do castelo, feliz por ver-se rica pela segunda vez.

Mas a sua curiosidade não tardou a despertar de novo, e o marido viu-se outra vez perseguido, noite e dia, pelas perguntas insistentes da esposa. Por algum tempo teve a força de resistir, mas depois, não suportando mais, revelou pela segunda vez o segredo.

O castelo desapareceu, e encontraram-se de novo na mísera choupana.

- Estas contente, agora? - exclamou o pescador, muito sentido . - Desta vez, ninguém mais poderá tirar-nos da miséria.
- A ter de aceitar riquezas cuja procedência ignoro, prefiro continuar pobre e trabalhar - respondeu a mulher.
Alguns dias depois, o pescador tornou a encontrar na rede o peixinho de ouro.
Enquanto o contemplava com tristeza, pensando que já agora não poderia obter dele qualquer benefício, o pescador ouviu-o de repente falar com a sua vozinha vibrante e harmoniosa:
- Escuta, bom homem: visto que estou destinado a cair sempre na tua rede, leva-me para tua casa e corta-me em seis pedaços. Dois dará a comer a tua esposa, dois a tua égua, e os outros dois deves enterrá-los no chão. Dessa maneira, a boa sorte não te abandonará.
O pescador voltou para casa com o peixinho e seguiu escrupulosamente as suas indicações.
Em breve, no Lugar onde sepultara os dois pedaços do peixe, nasceram dois lírios de ouro; a égua teve dois poldros de ouro, e a mulher recebeu dois gêmeos, também de ouro.
Os meninos cresceram sãos, belos e robustos, assim como os dois cavalos e os dois lírios.
Quando se tornaram rapazes, os dois gêmeos disseram ao pai:
- Se nos permitir, queremos correr o mundo, montados nos cavalos de ouro.
- Oh, ai de mim ! - gemeu o pai -. Como poderei viver sem voces?
- Os dois lírios lhe darão sempre notícias nossas -

disseram os dois jovens -. Se mantiverem frescos e floridos, isso quererá dizer que nós estaremos bem; se, em vez disco, murcharem, quererá dizer que estamos doentes, e se secarem, quererá dizer que morremos.
O pai consentiu e eles partiram.
Depois de galoparem um dia, alojaram-se em uma hospedaria, onde todos começaram a observá-los com curiosidade e a zombar deles. Um dos dois irmãos teve tanta vergonha que renunciou a correr o mundo e voltou a casa paterna.
O outro, pelo contrário, continuou o seu caminho e, chegando a orla de uma floresta, resolveu atravessá-la. Mas o povo o avisou de que a floresta estava cheia de bandidos e que estes
o matariam certamente, com o seu cavalo, percebendo que eles eram de ouro. Mas o jovem não deu ouvidos aqueles conselhos e prosseguiu o seu caminho.
Teve, porém, a precaução de cobrir-se com a pele de um urso e de fazer outro tanto com o seu cavalo.
Mal penetrou na floresta, ouviu os bandidos que falavam entre si, e parou para escutá-los.
- Vem um homem a cavalo. . . Não há nada a fazer... devemos deixa-lo passar, porque é um pobre miserável.
Desse modo, o irmão de ouro pode atravessar a floresta sem ser perturbado por pessoa alguma.
Chegando a uma aldeia, encontrou uma moça que lhe pareceu a mais bela do mundo e, sentindo-se logo enamorado dela, atirou-se a seus pés, exclamando:
- Queres ser minha esposa, bela moça? Amo-te com

toda a paixão do meu coração !
A moça consentiu com entusiasmo e respondeu:
- Serei tua esposa e amar-te-ei por toda a vida.
Enquanto estavam celebrando o casamento ,
chegou o pai da moça, que voltava de longa
viagem, e pediu a filha:
- Apresenta-me a teu marido.
Ela apresentou-lhe o jovem de ouro, que estava
ainda metido na pele de urso, então o pai se
enfureceu além de todos os limites, gritando:
- Nunca permitirei que te cases com um miserável
como este !
E a sua fúria era tal que ele queria matar o rapaz
de ouro.
Mas a moça pôs-se de joelhos, suplicando, até que
o pai se sentiu apiedado e não pôde mais opor-se
ao amor da filha.
Mas no seu coração permanecerá uma dúvida e, na
manhã seguinte, querendo comprovar se se tratava
realmente de um miserável vagabundo, entrou no
quarto e viu deitado no leito um belíssimo rapaz de
ouro. Em cima de uma cadeira achava-se a pele de
urso.
- Estou muito contente por ter sabido refrear a
minha cólera ! - exclamou ele, tomado de grande
alegria . - Se me tivesse deixado levar pelo
despeito, teria cometido certamente um horrível
delito !
Quando acordou, o jovem disse a esposa que
sonhara com um magnífico veado e que queria ir à
caça. Mas a moça mostrou-se assustada e pôs-se a
chorar, gemendo:
- Não vás! Não vás! Receio que te possa acontecer

alguma desgraça.
- E' preciso absolutamente que eu vá! - insistiu o marido. E pouco depois abandonava o palácio, penetrando no bosque.
Quando avistou o veado, começou a persegui-lo através dos arbustos e moitas, mas não conseguia nunca alcançá-lo e, quando caiu a tarde, acabou por perdê-lo de vista.
Nao conseguindo mais encontrar a pista do animal, foi bater a porta de uma choupana onde morava uma feiticeira.
- Quem é? - perguntou a velha, vindo abrir-lhe a porta . - O que queres?
O jovem cumprimentou com respeito, perguntando-lhe:
- Não viu passar por aqui um veado que fugia pela floresta?
- Vi, sim, e até conheço o veado que estavas perseguindo.
Entretanto um grande cachorro saíra da sua casinhola, latindo furiosamente contra o caçador; este acabou perdendo a paciência e gritou:
- Acaba com isso de uma vez, estúpido animal, do contrário vou matar-te !
Escutando estas palavras, a velha enfureceu-se e, olhando para o jovem com um olhar cheio de cólera, disse-lhe:
- Querias matar o meu cachorro? Infeliz, vou te castigar!
E fez alguns esconjuros, durante os quais o pobre caçador ficou petrificado.
Ouvia, contudo, muito bem, as palavras que a feiticeira continuava a dirigir-lhe, para zombar dele,

e via as grotescas cabriolas que a horrível velha fazia em volta dele, agitando os braços descarnados e lançando olhares cintilantes através das pupilas esverdeadas.
- Sentes-te bem, belo mocinho? Vês as outras estátuas que se encontram por aí? São outras vítimas das minhas artes mágicas!
O pobre caçador teria querido lançar-se contra a feiticeira para aniquilá-la com a sua força; mas, ai dele! Toda a sua pessoa estava petrificada, imóvel e rígida como uma estátua.
O horrendo cão que se lançara contra o ingênuo jovem tomava parte na alegria da dona, e ladrava com prazer.
De repente se fez ouvir formidável mugido e pouco depois um monstro terrificante, com o pescoço comprido como o de uma serpente, cabeça de cachorro e cauda de peixe, apareceu defronte da feiticeira, gritando:
- Preparaste-me de comer?
- Decerto, meu esposo.
E, parando de fazer cabriolas, a megera se aproximou de uma das estátuas, tocando-a com a sua varinha de condão.
De repente, o ser petrificado se transformou em uma belíssima moça, que se atirou de joelhos, implorando misericórdia.
Mas o monstro agarrou-a entre as garras afiadas e engoliu-a de uma só dentada.
- Daqui a alguns dias poderás comer este mocinho, quando estará devidamente pronto - disse a feiticeira, indicando o desgraçado caçador.
0 monstruoso animal soltou um grunhido de

satisfação e, depois de ter jogado ao cachorro alguns ossos que lhe tinham ficado entre os dentes, afastou-se, despedindo-se da megera com espantoso rugido.
A esposa do caçador esperou em vão o esposo, chorando, pois estava certa de que os seus pressentimentos haviam sido confirmados.
0 outro irmão, que tinha querido voltar para casa, viu de repente murchar um dos dois lírios de ouro e, compreendendo que grave desgraça acabava de suceder ao irmão, resolveu partir imediatamente para salva-te e comunicou tal decisão a seu pai.
- Oh, pobre de mim! - respondeu o bom homem . - Que faria eu, se tivesse de perder também a ti?
Mas o jovem não lhe deu ouvidos e partiu montado no seu cavalo de ouro, com o qual atravessou a floresta, chegando a frente da casa da feiticeira.
Ao lado da porta, encontrou o irmão petrificado e, enquanto o observava, mantendo-se a certa distância, a velha saiu da choupana, tentando enfeitiçá-lo também .
Mas o jovem teve a precaução de não se aproximar e, apontando para a feiticeira com a sua espingarda, intimou-a:
- Restitui a vida a meu irmão, do contrário eu te mato!
Tremendo de raiva, ela foi obrigada a obedecer e tocou no homem de pedra com a varinha de condão, restituindo-o imediatamente a vida.
Contentes e felizes, os dois irmãos lançaram-se nos braços um do outro, depois separaram-se e cada um voltou a sua casa.
0 primeiro voltou para junto da esposa, que estava

desfeita de dor e pranto, e o segundo voltou a casa do pai que o esperava ansioso.
- Vi o lírio de ouro tornar a erguer-se e a vicejar! - exclamou, abraçando o filho -. Assim, já sabia que tinhas conseguido salvar teu irmão.
Desde então, nenhum incidente veio mais perturbar a vida dos dois irmãos de ouro, que viveram felizes e tranqüilos até avançada idade.

FIM